

# Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Porantim no 19

Class.: CMR00001

Data: jun-jul 180

Pg.: \_\_\_\_\_

## SARAMPO MATA 24 KANAMARI: SÓ REZA E BOSTA COMO REMÉDIO

Uma epidemia de sarampo matou nada menos de 24 pessoas, na sua maioria crianças, pertencentes à nação Kanamari, da maloca Nauá, localizada no alto rio Jutai, Estado do Amazonas. Os Kanamari estavam em plena festa da pupunha (fruta da região), em fins de janeiro, quando começou a mortandade, eliminando assim um terço dos habitantes da maloca. Na falta de medicamentos, tiveram que combater o sarampo com reza e chá de bosta de cachorro.

— Foi horrível. Era só gente morrendo. Fogo, fogo mesmo de sarampo... todos endoidando — contou o tuxaua Akurau.

Na falta da FUNAI, que se fez presente quando os índios estão causando algum "problema", isto é, quando estão se defendendo da invasão dos capitalistas, os Kanamari recorreram à ajuda dos seringueiros da região. Estes, tão pobres e explorados quanto aos índios, fizeram o que puderam e evitaram que a epidemia assumisse proporções ainda mais graves.

Diante da omissão criminoso da FUNAI, já no mês de março, a prelazia de Tefé, tendo a frente o bispo Joaquim de Lange, resolveu assumir os trabalhos no setor de educação e saúde, para impedir que isto ocorra novamente. Foi um choque para o povo Kanamari. Há mais de 40 anos que não conheciam uma situação de tanto desespero. Só no final de maio, a FUNAI mandou uma "equipe de estudo" para a área.

### UMA VISITA, A ORIGEM

A doença foi trazida por um membro do grupo que tinha ido visitar seus irmãos na maloca "Ressureição", no Juruá, próximo à cidade de Eirunepé. Os Kanamari inicialmente acreditaram tratar-se de simples febre de gripe. Mas dias depois morreu Serafim, que havia chegado do Juruá já com febre. Os demais membros da comunidade sentiram então que estavam diante de perigo concreto. Era tarde demais. Crianças e adultos já apresentavam o sintoma da doença, ou seja, febre alta e delírio. Três das crianças mortas pertenciam à maloca do Caraná.

Lideranças indígenas e missionários da área condenaram a FUNAI, que foi apontada como responsável pelo que aconteceu:

— Se a presença da FUNAI junto aos grupos indígenas do país vem se deteriorando cada dia mais, chegando a se tornar em muitos casos prejudicial e nociva, nesta região da Amazônia ela está totalmente ausente. E o que é pior, desconhece até as populações indígenas existentes na Amazônia.

E prosseguem, lideranças indígenas e missionários:

— A FUNAI é culpada pela morte desses índios e os coronéis que a dirigem terão que prestar contas um dia a esses povos por crimes de omissão e conivência.

### "SEBASTIÃO, ME APLICA INJEÇÃO"

Há mais de 40 anos não se via tanta dor e tanta tristeza no seio da comunidade Kanamari. Uma tristeza que atingiu em cheio os caboclos seringueiros, também pobres de recursos, mas que se utilizaram de recursos de ervas e até mesmo de bosta de cachorro com a finalidade de deter a marcha da epidemia.

O seringueiro Sebastião Daniel em depoimento ao PORANTIM, afirmou:

— Foi um grande desfalece para os índios. Morreram muitos nas casas dos seringueiros, pedindo socorro, porque lá com eles não tinham nada. E a gente também não tinha nada. O pouco que a gente tinha repartia com eles. Fazia pena. Aqui na minha casa morreram dois. Tudo chorando, pedindo remédio: "Sebastião, me aplica injeção, me aplica uma penicilina". De onde eu poderia tirar essa injeção? Era um sarampo acompanhado de coisa feia que aparecia na boca deles, roendo tudo. Outros apresentavam um tumor. Espocava o tumor e ficava aqueles buracos. Outros tinham ataque de hemorróidas. Outros ficavam meio doidos, queriam morder a gente. Outros se levantavam da cama, já pra morrer, e lá se iam na carreira. Era mordendo pra tudo quanto é canto.

Dona Francisca tinha alguns comprimidos de Cibalena e algumas injeções de Terramicina e fez o que pode, segundo contou ao PORANTIM:

— Eles chegaram à minha casa e eu julgava que ninguém ia escapar. Ai eu lutava, batia a mão pra cima. Não deixei mais eles comerem pupunha e coisas reimosas. Mandei procurarem comida mansa e fazia comida pra eles. Lutei muito. Leite que eu tinha acabou tudo. Os que eram pra escapar, escaparam. Os que tavam bons traziam os outros e jogavam aqui em casa. Só aqui morreram quatro curumins (crianças). O Luiz, seringueiro, rezou muito neles mas não deu jeito.

### REZA E BOSTA NO LUGAR DE REMÉDIO

Conta Luiz Teófilo outro morador da região, que na falta de remédios apeiou para a reza:

— Eu rezei em muitos deles e alguns escaparam. Os que estavam sem cura não dei jeito. O curumim da Jacira chegou em casa e morreu logo. A mulher do Sandoval tava pra morrer, já sem fala, um mal que deu na goela, escarrando sangue. Eu rezei nela e ela ficou boa. Todo o remediozinho que nós tínhamos lá em casa nós demos tudo. As mães não sabiam como cuidar dos filhos com sarampo, davam comida

que não era para dar. Puxa vida, tem morrido muito curumim e muita cunhantã (garota).

Os depoimentos dos Kanamari não são menos dramáticos. O líder Kanamari, Cural, faz um resumo da situação:

— Dias depois do Serafim ter aparecido com febre, lá na maloca, eu tive um sonho de noite. Sonhei tudo. Tudo fediu. Depois eu disse pro Manduca, o outro tuxaua da maloca: "Manduca, essa doença não é só de febre não, é o tal de sarampo. Eu sonhei tudo já. O RAMIM (bebida alucinógena, utilizada por ocasião das festas) entregou tudo pra mim. Muita coisa ruim vai acontecer."

Passaram-se alguns dias, depois deste sonho do líder Cural e os Kanamari mostravam-se animados. Uns iam apanhar cana... todos brincavam muito; outros iam puxar tatu com cana comprida, até que um dia cai todo mundo doente. Justamente após os três dias da festa da pupunha, quando retornavam para a atual maloca do Nauá. Alguns apresentavam dor de cabeça. Mas pensaram que era catarro de gripe. A única indicação de sarampo era o sonho de Cural, obtido através do RAMIM.

### "AMERICANO MATOU NÓS"

E prossegue Cural:

— Foi só chegando, foi morrendo. Quando voltei pra cá curumim meu já morreu dois. Tudo chora mesmo. Aqui não tem doutor, aqui não tem remédio. Foi morrendo tudo. Num dia um. No outro dois. No outro dia, dois, tudo a cois, sendo enterrado a dois. Endoidando mesmo. Não comer nada. Não caçar nada. Cinco dias sem dormir. Só doido por aqui. Mulher do Sandoval grita não sei o que — ih! ih! Não anda nem com roupa. Todos voltam a andar nu, como antigamente. Todos querendo vento, morrendo de febre. Quentura grande mesmo. Fogo aqui, fogo de sarampo.

Cural depois ficou sabendo que o sarampo começou com um americano, que morreu ardendo de febre numa rua de Eirunepé. Por isso repetia a toda a hora: "Americano que fez esse mal pra nós". Serafim, o jovem Kanamari, teria contraído a doença no contato com o já moribundo estrangeiro, na sua viagem a Eirunepé. Mas nem Serafim pode contar direito sua história. Já chegou à sua maloca sem condições.

Além de rezas e de uma ou outra penicilina conseguia junto aos seringueiros, apenas um tipo de remédio pode ser utilizado com maior frequência, um remédio que certamente causaria asco em muitos "civilizados":

— Nós não temos remédio pra sarampo. Sarampo é doença trazida pelo "branco". Só bosta de cachorro mesmo. Nós fazíamos duas vezes. Assa bem a bosta de cachorro até ficar só cinza. Dai faz o chá. Ensinaram isso pra nós. Disque chá de sabugueiro é bom mas não tem aqui de jeito nenhum.

### RELAÇÃO DOS KANAMARI

#### MORTOS PELO SARAMPO

Curau, 18 anos; Leôncio, 1 ano; Akedô, 1 ano; Djaboni, 2 anos; Rehon, 1 ano; Kohpak, 6 anos; Watahi, 9 anos; Kodô, 1 ano; Daorá, 8 anos; Orê, 18 anos; Orã-Orã, 29 anos; Madjaul, 23 anos; Kamará, 13 anos; Wainahô, 2 anos; Wararô, 12 anos; Arô, 20 anos; Klamá, 14 anos; Blá, 3 anos; Huare-en, 15 anos; Tchurau, 5 meses; Wakhuri, 9 anos; Kamarã, 2 anos; Kuriná, 3 anos; Wahmarã, 5 anos. (Equipe de Pastoral Indígena da Prelazia de Tefé).



### MASSACRE

### E EXTERMINIO

### DE UM POVO

Pelos poucos dados etno-históricos e etnográficos disponíveis sobre a região dos rios Juruá e Jutai, torna-se difícil precisar a dimensão do massacre e extermínio da nação Kanamari. O certo é que a ocupação dessa região pelas frentes extrativistas de caucho e borracha foi tão violenta que exterminou em pouco tempo a quase totalidade dos povos indígenas ali existentes. E os Kanamari, que habitavam todo o médio Juruá e quase todo o Jutai, foram as primeiras vítimas desse processo de morte aos nativos.

Os grupos que conseguiram escapar ao massacre foram se refugiando nas cabeceiras dos rios. Hoje eles se encontram espalhados entre o Pauini, alto Juruá, Jutai e alto Jandiatuba. Outros grupos existem espalhados em outras regiões.

Os Kanamari narram com pesar a história dos grupos — seus irmãos — já desaparecidos: Os Txahá Dyapa, os Om Dyapá, os Maranh Dyapá e assim dezenas de povos pertencentes à grande nação Kanamari.

Como até hoje nenhum grupo Kanamari tem seu território demarcado continuam expostos e ameaçados pelo capitalismo que se expande em direção à Amazônia.



Em plena festa de pupunha chega o sarampo (foto: EGON).